OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 718

10 DE DEZEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO DR. ANTONIO CANDIDO — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois da extraordinaria recepção do cruzador portuguez *Adamastor* na bahia do Rio de Janeiro, foi motivo de espanto para todos as festas, que em Santos fizeram á entrada dos nossos marinheiros, as quaes deixaram a perder de vista quantas nos outros portos do Brazil se hão feito a barcos de guerra portuguezes.

A officialidade foi recebida em S. Paulo com enthusiasmo indiscriptivel.

E' que o *Adamastor* representa, máo grado certas más linguas que já se vão calando, uma pagina bella da historia do patriotismo portuguez n'estes ultimos annos.

Leiam-se os relatorios publicados pela benemerita commissão executiva da subscripção nacional e muito ha que admirar no esforço, na dedicação, no trabalho de tantos, que metteram hombros a uma empreza, que erriçada de difficuldades se apresentava, e souberam leval-a a cabo tão felizmente.

Para essa subscripção nacional, aberta em tão triste hora para a mãe patria, o Brazil concorreu com pasmosa dedicação.

O grito doloroso, solto logo apoz a offensa da Inglaterra, teve ecco n'essas praias tão longes, espalhou-se pelos vastos sertões, foi até onde havia ouvidos de portuguezes, cujas almas se commoveram. Assim tinha de ser, pois a distancia augmenta ainda o amor, quando este é grande, quando este enlaçou todas as fundas raizes que bebem o sangue nos corações.

O Brazil não póde deixar de amar Portugal. Tem-lhe muita vez demonstrado esse amor. Não lh'o quizera ter por um d'estes movimentos d'alma que se approximam da loucura, lá estava essa vastissima colonia ardentissima no enthusiasmo, fazendo brotar fogueiras de meia duzia de faiscas, ainda brilhando na cinza morna.

Que sympathia nos não merecem esses milhares de portuguezes, levados para tão longe, unicamente por um ideal de trabalho honrado!

Um sonho os leva tambem muita vez, sonho irrealisavel, sonho que vezes frequentes meia duzia de pás de terra abrevia. E então a morte ainda é misericordia.

O Brazil apparece a muitos como uma d'aquellas cavernas misteriosamente luminosas de que falam os livros das Mil e uma Noites. E' a terra dos brilhantes e parece-lhes que os milhões de passaros nas florestas matisaram as pennas com a poeira das pedrarias. Mas a lampada de Aladino nem todos a encontram, e até os de mais modestos ideaes não logram o descanço sonhado na meia duzia de geiras de terra, regadas com o suor do rosto, sob o ardente calor dos tropicos.

O dinheiro é hoje o grande ideal porque é elle quem abre todas as portas. Uma chavinha d'oiro faz milagres. Até parece que abre as portas dos corações. Digam-o os velhos ricos.

Bemditos sejam, porém, aquelles que para essas conquistas partem com um desejo honesto de trabalho, guiado pela intelligencia, pelo bem commum.

Far-se-hia um diccionario com os synonimos que só este nome — dinheiro — tem obtido no decorrer dos seculos. Mas d'essa enorme ladainha nada é mais verdade do que *mola real*.

Assim o entendem todos, assim o entendem sempre os governos, cujos expedientes financeiros são assumpto constante de todos os artigos de fundo. Affirmações d'estes, desmentidos d'aquelles. Ha oiro? Sabe-se d'onde elle vem? Não se sabe?

E afinal a discussão só prova que o problema do dinheiro é esse o que interessa a todos.

Ha uma famosa poesia de João de Deus, em que o poeta nos conta varios milagres d'esse feliz thaumaturgo. Muitos lhe faltam, muitissimos, que todos elles não caberiam nos volumes d'uma bibliotheca.

A lucta pela vida resumiu-se agora n'isto: ter mais dinheiro que o visinho. Ás vezes vai mais longe: roubal-o.

Que o mais da vida é facil, quando ha dinheiro. Elle é a alegria, elle é a saude, elle é a commodidade, elle é a propria vida, no sentido muito restricto que a palavra está tendo para muitos.

Ora o gatuno, mesmo quando não saiba inglez, acha que n'este *struggle for life* em que anda a humanidade, elle póde ter os mesmos direitos que os outros, embóra com ideaes mais modestos. É tolo. O lenço palmado á sobrecasaca do passeante póde ter consequencias muito mais funestas do que centenas de contos empochadas n'um cambalacho financeiro e atrevido. Porque emfim póde não haver vergonha, mas é preciso alardear-se justiça uma vez por outra.

Para a batalha da vida deve um homem preparar-se com boas armas, aliás deixe-se ficar em casa ou na repartição, ganhando honestamente os magros vintens, que ainda assim dão aos humildes a felicidade das consciencias, exquisitos prazeres, que não conhecem os de estomago estragado.

O ser gatuno ou ser vadio é por emquanto coisa mal notada nos codigos. Ainda não ha muitos dias, ia um alarido enorme no largo da Boa Hora e no Pote das Almas. Era uma familia de ciganos, que pranteava a sorte d'um parente que, com mais cincoenta e tantos infelizes companheiros, fôra posto á disposição do governo, que provavelmente o mandará passear até á Costa d'Africa Vadios.

Afinal tudo são questões de philosophia, maneiras muito discutiveis de encarar a vida.

É natural, certo até, que a Africa deve ser para muitos d'elles remedio excellente.

O vadio não é fatalmente um máo; será quando muito algumas vezes, um pervertido. Onde possa encontrar elementos de trabalho, boa direcção, conselho e exemplos seductores, póde, muito facilmente transformar-se n'um homem ás direitas.

Isso deveria procurar fazer-se, e que a raça futura das nossas colonias africanas nos pudesse envaidecer, como o Brazil nos orgulha.

Effectivamente quantos brazileiros illustres, e por esse motivo creio que já aqui uma vez nos referimos ao novo Presidente da Republica, quantos artistas, homens de sciencia, politicos notaveis, ali usam appelidos portuguezes e d'elles se envaidecem para maior vaidade nossa!

O europeu remoçou nas terras virgens de alémmar. O mesmo que com o portuguez se deu nas terras de Santa Cruz, aconteceu aos emigrantes dos diversos paizes da Europa. A Inglaterra, cujas rivalidades com os Estados Unidos do Norte passaram á lenda, tem hoje n'esse maravilhoso paiz a melhor perola da sua coroa triumphal.

N'esses paizes novos, na hora da agonia do seculo XIX, parece que resurgem remoçadas todas as tradicções da velha cavallaria dos tempos em que eram novos os hoje decrepitos paizes do nosso velho continente.

A forma por que os Estados Unidos souberam usar da victoria na guerra contra a Hespanha ficará memoravel. Ainda, ha dias, quando foi aberto em Washington o Congresso federal, o capellão recitando, como é habito, a oração de abertura, pronunciou estas palavras sentidissimas: — «Rogamos-te, Senhor, que abençoes a Rainha Regente de Hespanha, o seu filhinho e toda a Nação hespanhola. Possam as graças celestes levantar e animar aquelle povo afflicto.»

E estes sentimentos dos Estados-Unidos pela Hespanha não são simplesmente rhetorica, bem o teem os americanos demonstrado, bem o teem asseverado os hespanhoes.

Entretanto nas provincias hespanholas, cujo socego todos pasmava nas actuaes circumstancias, parece que se vão organisando certos movimentos de revolta.

Querem alguns desmentir os boatos que teem corrido e affirmam que os partidarios de D. Carlos não dispõem dos elementos que muitos suppuzeram. O licenceamento das tropas ter-lhes-hia fornecido magnifica occasião para qualquer tentativa e é certo que não a aproveitaram.

Entretanto corre que D. Jaime de Bourbon esteve em Gibraltar e que se tem levantado plantas do terreno em volta d'aquella praça de guerra ingleza.

Em Larrabegua foram apprehendidas perto de quatrocentas espingardas, cuja procedencia ainda se ignora. Foram presas muitas pessoas, outras fugiram.

Diz-se que a Santa Sé enviou instrucções aos bispos das dioceses para que estes vigiem o clero.

Mas, apezar das tristes noticias, que d'Hespanha durante tantos mezes nos chegaram e das novas mais ou menos aterrorisadoras que nos vão chegando agora, parece que os hespanhoes pretendem gosar de fama de alegria que os portuguezes usurpavam desde as famigeradas coplas d'*A Noite e o Dia*.

Les portugais
Sont toujours gais.

De Hespanha chegam-nos constantemente noticias que provam que os habitantes das principaes cidades se preparam o melhor que ser póde para um inverno divertido.

Lá como por cá, o theatro lyrico é o grande assumpto e todos assaltam a portinha do escriptorio, onde se abriu a assignatura.

Em S. Carlos foi colossal a affluencia dos assignantes. Fôra o theatro duas vezes maior, não ficaria sem dono um só camarote, uma cadeira.

Discutidos tambem, embora em assumpto e por motivos bem differentes, teem sido os bilhetes para a sessão publica da Academia Real das Sciencias, que deve realisar-se no dia 11.

Presidirá o sr. D. Carlos e o sr. José de Sousa Monteiro, socio effectivo, fará o elogio do fallecido secretario José Maria Latino Coelho. Estes dois nomes explicam a anciedade de todos os amadores de boas letras.

Sousa Monteiro é dos mais illustres poetas portuguezes, um academico distinctissimo. Latino Coelho foi gloria da academia e da litteratura portugueza.

A entrada será difficil. Aquelles para quem fôr impossivel contentar-se-hão, alegre palliativo, com a ida ao bazar de caridade no palacio Ouguella, ao qual presidirá a Rainha Sr.ª D. Amelia.

Vai ser grande festa, n'ella brilharão os mais illustres nomes da alta sociedade portugueza e n'ella poderão tomar parte todas as almas caritativas, que andam mortas de sede no incançavel *struggle for high-life.*

João da Camara.

ANTONIO CANDIDO

A noticia biographica do festejado escriptor Ramalho Ortigão, estampada á frente do *Almanach das Senhoras* para 1897, é, se não me engano, a ultima peça litteraria da bem aparada penna do sr. Antonio Candido, a quem poderiamos tambem chamar doutor, conselheiro procurador geral da corôa e fazenda, vogal do conselho superior d'instrucção publica, e ainda ministro de estado honorario, digno par do reino, antigo deputado ás côrtes, antigo vice-presidente da Academia Real das Sciencias, grão cruz de varias ordens, etc., se elle não fosse, como é, mais conhecido só por aquelles dois nomes, na via triumphal que se extende brilhantissima de tantas glorias contemporaneas desde a praça de Luiz de Camões, Chiado abaixo, até á arcada do Terreiro do Paço. Não alludimos sequer, como o leitor bem está vendo, ao seu caracter ecclesiastico, porque a falsa musa da politica, brandindo agitada o facho das Euménides, em dia mal ensombrado de negras nuvens e procellas temerosas, o foi arrancar de ao pé dos altares, em que, para me servir das expressões suavissimas do candido fr. Luiz de Sousa, a alma fica «toda trespassada em um profundo roubo dos sentidos sem dar accordo de si nem de cousa da vida.» E de lá o trouxe, como que arrastado, para os baldões do mundo, para a fremente agitação das assembléas politicas, para o tumultuar periodico da praça publica em que a sua auctoridade houve de se defrontar victoriosa com a sublevação militar do Porto em 31 de janeiro de 1891. O mesmo, porém, ou cousa semelhante, já succedera ao bispo Lobo, como ainda hoje é chamado na Beira Alta o preclarissimo prelado viziense, D. Francisco Alexandre Lobo, auctor de varias memorias, discursos e outros escriptos colligidos nos tres tomos das suas *Obras*, e ministro de estado no tempo do absolutismo. O mesmo tambem ao afamado benedictino fr. Francisco de S. Luiz, depois cardeal da Santa Madre Egreja e patriarcha de Lisboa, a quem o destino, como por zombaria, sendo elle apostolo de uma religião de caridade e de infinita misericordia, metteu na mão a penna para referendar (*Fr. Francisco, bispo-conde*) a lei de 19 de dezembro de 1834, pela qual (art. 3.º § 2.º) «sem dependencia de ordem superior, o commandante militar, a cuja disposição assim ficarem os presos (*D. Miguel e os seus descendentes, caso fossem presos por se acharem em territorio portuguez*) convocará logo, e presidirá a um conselho composto de quatro vogaes militares, por elle nomeados; ouvidos os presos, e verificada a identidade das pessoas, *serão os mesmos sentenciados a ser fusilados*; o processo será verbal e summario; e para elle e para a execução da sentença, ficam assignadas *sómente vinte e quatro horas*, e de tudo se lavrará auto.» E o mesmo, ainda em nossos dias, ao rude transmontano da Granja, ao pé de Alijó, bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, nascido politicamente mais o seu governo das espadeiradas que uns soldados de cavallaria distribuiram a esmo, junto á muralha da praça de D. Fernando em Belem, na manhã do dia de Anno Bom de 1868 — a revolução denominada *pacifica*, a re-

volução *de janeiro* ou do *primeiro de janeiro* ou ainda a *janeirinha*, como ficou assente com certo chiste na chronica popular.

Trazendo á collacção estes exemplos, extrahidos de diversas épocas da nossa historia constitucional, e de periodos assaz revoltos, visámos apenas, de passagem, a exaltar pelo confronto os altos merecimentos do homem politico em Antonio Candido, cuja actividade é incessantemente proficua, e cada vez mais se affirma, se alteia e se impõe em discursos justamente celebrados pela facundia do orador.

Tornemos, porém, ao assumpto que haviamos encabeçado na biographia do applaudido redactor das *Farpas*, escripta pelo sr. Antonio Candido no *Almanach das Senhoras*.

Não ha duvida que essa folhinha ou almanach é um cortiço em que algumas diligentes e laboriosas abelhas, Carmen Sylva, rainha da Roumania, a princeza Rattazzi, uma D. Almerinda, uma D. Zulmira, uma D. Nilla, e ainda outras, que são poetisas, charadistas, compositoras de logogriphos, mettagrammas e enygmas, fabricam annualmente os favos do mel sempre delicioso ao paladar de innumeros apreciadores. E, como directora do seu almanach, bem procedeu a fallecida sr.ª D. Guiomar Torresão, escolhendo o sr. Antonio Candido, o orador elegante, cujo caminhar em ondulações parece exprimir e acompanhar a cadencia do pensamento, para biographar o sr. Ramalho Ortigão, o escriptor dandy. Dir-se-hiam duas requintadas elegancias, que, postas a par uma da outra, se reflectem e quasi se irmanam ou, como agora se diz, se conjugam.

A noticia biographica do sr. Ramalho deixa-nos a agradavel impressão de ter sido fundida de um jacto como estatua de bronze. Ao parecer do sr. Antonio Candido, o auctor do livro *Hollanda* é a perfeição: «o perfeito modelo das mais raras qualidades humanas», e, de certo, ninguem poderia pensar de outra sorte; é tambem um «grande mestre», mas — note-se — como *exteriorista*. Não faça o leitor reparo n'esta palavra por não a encontrar no diccionario; é talvez derivada ou applicada das bellas-artes: — outras ha semelhantes, que são propriamente do calão de Lisboa, como *historista*: do bom Silva Tullio se dizia que era um *historista*, isto é, contava patranhas, mettia a sua peta. Mas vamos adeante.

«A linha, a côr, a fórma — diz o sr. Antonio Candido — impressionam-o mais que tudo; e a esta qualidade de ser fortemente impressionado pela apparencia das cousas deve a grande gloria do seu poderosissimo estylo e a feliz promptidão com que tanta vez surprehende e formula as relações estheticas da natureza e do espirito».

Bastariam acaso essas poucas linhas para se presentir o merito indisputavel do sr. Antonio Candido como escriptor, mas n'esse seu mesmo trabalho ha mais e melhor nos conceitos notaveis sobre a immensa fabricação de escriptos inuteis, que hoje se arremessam aos montes para cima dos prelos. Constitue essa afanosa labutação uma industria rendosa e permittida, como a preparação de rolhas de cortiça, mas contraria á verdadeira illustração, porque espalha profusamente o erro, alimenta em grande escala a ignorancia, parecendo que a destroe, e sobre todas as cousas offende cada vez mais, de dia para dia, a pureza do nosso idioma, a formosissima lingua portugueza, sem comtudo em nenhuma maneira a prejudicar, porque ha de sempre haver quem a estime, a preze e a louve, e não se esqueça nunca do eterno pregão do dr. Antonio Ferreira:

> Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
> A portugueza lingua, e já onde fôr
> Senhora vá de si soberba e altiva.
>
> Se té qui esteve baixa e sem louvor,
> Culpa é dos que mal a exercitaram:
> Esquecimento nosso e desamor.

Por serem poucos e breves os conceitos, a que alludo acima, vão em seguida:

«Escrever muito é facil; mas a facilidade de redigir é uma simples habilidade mechanica.

«Escrever muito e bem, estudando e reflectindo, sendo sempre melhor, com sincero amor inalteravel á sua arte, e com uma probabilidade mental cada vez mais escrupulosa — isso é o que serve, isso é o que vale.

«A fecundidade cerebral, quando se exhibe n'essas condições, é uma distincção eminente; se, porém, se traduz apenas pela rapidez habitual de reunir letras em palavras e ligar palavras em phrases, sem que o agente d'este trabalho possa transmittir por tal fórma factos, noções ou sentimentos de qualquer maneira uteis — então semelhante faculdade só presta para ennegrecer papel ou para fazer ruido; e, não servindo aos interesses da vida social, diminue sem vantagem alguma a preciosa quantidade de silencio que é necessaria no mundo...»

Está bem dito: o silencio é de ouro. E, na verdade, é cousa tão preciosa o silencio que o immortal Michelet, quando em 1830 esteve em Roma, ia de noite enlevado para o Colyseu ou amphitheatro romano *escutar o silencio!* São estas as suas mesmas e geniaes expressões: — *j'erre à travers les ruines, je contemple cette vision terrifiante, j'écoute le silence...* (*Rome*, pag 121).

Insiste o sr. Antonio Candido em que o seu biographado é um modelo, não só como escriptor, mas como homem—«o mais completo exemplo, entre os homens que conheço, de serena, imperturbavel conformidade com o seu destino, tanto no que esse destino tem de particular para si, como no que tem de commum com a humanidade, segundo as conclusões, para tanta gente incomportaveis, da sciencia actual.» Consola-se a gente de ouvir estas palavras ao sr. Antonio Candido, mórmente quando se lembra de ver diariamente conspurcada nas folhas politicas a reputação das pessoas mais gradas, e arrastadas pela rua da amargura as mais fulgurantes individualidades da «patria portugueza», conforme a cerebrina expressão de Oliveira Martins, em um dos seus prefacios, depois traduzida em francez no titulo estrambotico de um livro de M.me Adam *La patrie portugaise*, e ainda ultimamente relembrada e cerzida n'um brinde ao dr. Campos Salles no banquete da Sociedade de Geographia. Mas, se essa onda de ruim maledicencia é só causada da amaldiçoada politica, dá vontade da gente enviar pela posta interna um bilhete de congratulações ao sr. Ramalho Ortigão, por nunca se haver mettido n'ella, e outro, pela razão contraria, de verdadeiro sentimento ao sr. Antonio Candido.

— Mas — accudirá porventura n'este ponto o avisado leitor, homem sisudo e pratico — se foi, com effeito, devido á politica que elle é hoje conselheiro, par do reino e ministro de estado honorario — que são meramente honras ou dignidades, — além de procurador geral da corôa e fazenda, e vogal do conselho superior de instrucção publica — que são empregos e bons — senão estaria elle ainda a estas horas a ler canones ou decretaes na Universidade de Coimbra — que diacho de razão pode assistir a você para lhe mandar um cartão de sentimento, de mais a mais ignominiosamente, pelo correio, com estampilha de cinco réis?

— Tambem não irei fóra d'isso.— Terá talvez razão o leitor.

Antes do estudo biographico a que nos temos referido, o sr. Antonio Candido fez outro de mais folego, que foi o *Elogio historico de el-rei D. Luiz I*, lido por elle na sessão publica da Academia Real das Sciencias de 8 de junho de 1890.

Escripto em primoroso estylo, podemos considerar esse trabalho composto de tres partes, em que D. Luiz I é considerado como homem, como rei constitucional e como academico. E pede ou antes manda a verdade que se diga que no traçado e acabamento de cada uma d'ellas foi immensamente feliz o sr. Antonio Candido.

Na sua esclarecida opinião, D. Luiz I, como homem, foi bom: a bondade era n'elle antes uma qualidade do que uma virtude; generoso sem medida e affavel sem differenças, nunca mostrou saber o que fosse o resentimento de immerecidas offensas, e a todos envolvia na mais doce e effusiva cordealidade.

Como rei, foi perfeito monárcha constitucional. *Reinou*; *não governou* — diz o sr. Antonio Candido — e, com effeito, assim foi. N'isto está o seu maior elogio, como soberano de um paiz livre.

Como academico, traduziu algumas obras de Shakespeare. Ardua e difficilima empreza! Avaliou-a bem o sr. Antonio Candido, volvendo-a no seu pensamento, ponderando-a com sisuda reflexão, sondando-a até o amago, conseguindo achar a sua justa medida, e dar-lhe expressão adequada e nobre, como vamos ver: — «O genio e a lingua de Shakespeare não podem ter uma interpretação definitiva. Como a natureza, de que elle foi a expressão mais profunda e eloquente — Shakespeare é eternamente inexgottavel; para conter o seu immenso espirito, solto do maravilhoso estylo em que ficou suspenso, enleiado, por uma especie de magia incoercivel, ha no mundo uma só cousa: é a alma humana! Como da Biblia derivam as correntes mysticas, em que todos os povos cultos satisfazem a nunca extincta sêde das cousas sobrenaturaes — da sua grande obra fluirão sempre todas as verdades do coração e da vida, de que elle, inspirado, vidente, quasi semideus, teve a formula absoluta...» — Não se pode dizer melhor.

E com louvavel isenção emittiu claramente o seu voto de que a traducção de D. Luiz I não será perfeita e impeccavel, nem foi até onde poderia ir com o temperamento e o idioma patrio.

Por onde se vê que o *Elogio historico de el-rei D. Luiz I* faz muita honra ao seu illustre auctor.

Sousa Sarmento.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE ALVITO

D'entre os castellos feudaes que se encontram em Portugal, e de que já temos reproduzido pela gravura uma boa parte d'elles, nas paginas do Occidente, destaca-se sem duvida o castello d'Alvito, não só pela sua belleza, mas, pelo, que mais é hoje, bom estado de conservação.

Oiçamos o que sobre este castello escreve o nosso prezado amigo e collaborador Brito Aranha.

«Estamos em frente d elle. Não necessitamos de ir lá para o conhecermos, perfeitamente representado na gravura.

Está sempre erguido, e conservar-se-ha pelo andar dos seculos, como padrão da epoca em que o fundaram. E' um testemunho de força; é um brazão do poder; e uma reliquia do passado, que diz e ha-de dizer ás gerações do futuro, que as antigas fórmas sociaes determinavam n'aquelles altivos monumentos a vida dos poderosos e dos humildes.

Todavia em Portugal, de justiça é affirmar-se, nunca os edificios, da ordem d aquelle de que trato, tiveram o caracter das fortalezas que a Europa, no decorrer dos seculos, durante a idade-media, viu construir não só para demonstrar a opulencia das familias, que se queriam affastar da sociedade commum por meio de privilegios, logo depois transformados em oppressão; mas tambem para provar que o povo, a massa da população, contida em respeito ante as ameias e lanças ameaçadoras, e as pontes que tornavam incommunicaveis os senhores, havia de reprimir todas as aspirações, havia de conter todos os votos, porque a sua humilissima condição não podia passar da dos servos e escravos!

Portugal, felizmente, tanto pela indole dos seus habitantes, como pelas circumstancias que acompanharam a fundação da monarchia, e seguiram o estabelecimento dos governos, no periodo indicado, mais inclinados aos principios do direito municipal, não viu aqui, em pleno vigor, as leis e evoluções que separavam as familias, como em França, extremando as que deviam ser oppressoras das que só eram opprimidas.

O Castello de Alvito, pois, fundado pelo meado do seculo XV, é, no meu entender, mais uma affirmação de serviços prestados á patria, galardoados pela concessão para edificar segundo a architectura d'aquelles tempos, do que uma prova de predominio feudal, com todas as isenções e todos os rigores que o cercavam na França, na Italia, na Allemanha, e na Gran-Bretanha; e em todo o caso sabe se que á licença para levantar o monumento, em terras já possuidas desde o seculo XIV, juntou-se, passados poucos annos, e no reinado de D. Affonso V, a mercê do titulo de barão, o primeiro que se creava em Portugal.

Na villa de Alvito, onde assenta o castello, toma este o logar preeminente sob a forma quadrangular e as suas fachadas olham de um lado para o Rocio, de outro para a Praça, de outro para o largo do Castello e de outro para a cêrca, onde ha excellente jardim e formosos pomares. Por cima da porta da entrada do castello vêem-se dois escudos d'armas, sendo á esquerda o da casa de Alvito e á direita o da casa real, que ali symbolisa o agasalho com que os proprietarios d'aquelle nobre solar acolheram, no começo do segundo quartel do seculo XVI, a rainha D. Catharina de Austria, quando ali deu á luz o principe D. Manuel, que devia succeder a D. João III se sobrevivesse a este monarcha, seu pae.

Suppôz-se que o castello tinha fosso e ponte levadiça, mas ninguem ali descobre vestigios d'essa construcção. De um lado, ao poente, apenas, corre a agua de uma fonte copiosissima que alimenta diversas terras e serve de motor a seis aze-

nhas. Acima d'essa fonte ergue-se a torre chamada do *sino*, por ser a que fica superior á capella e lhe serve de campanario. A capella é mui vasta e encerra algumas preciosidades.

O interior do castello foi dividido em tres andares com muitos compartimentos, que os marvimentos com paredes de grossa espessura e janellas com grades de ferro.

A opulenta e monumental residencia de Alvito, foi, como disse, honrada pelo rei D. João III, conservando-se ali, em lisongeira recordação, o aposento que occupára com sua esposa. O moço e de condes de Oriola. Representa hoje esta nobre, respeitada e antiquissima familia, o sr. D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, 5.º marquez de Alvito, 8.º conde de Oriola, 15.º barão de Alvito, 18.º senhor da villa, par do reino e camarista de El-rei, dignidade que egualmente exerceram

CASTELLO DE ALVITO

quezes de Alvito tem tido o cuidado de mandar reparar e aformosear, para a sua inteira conservação. Ultimamente, o actual possuidor chamou artistas de merito para dar ás salas principaes o aspecto da belleza das modernas construcções, em que os trabalhos de estuque constituem verdadeiros primores. Além das quatro torres, que encerram as melhores divisões do edificio, ha a torre chamada de menagem, que tem só dois papopular rei D. Pedro V, de saudosa memoria, tambem pernoitou em Alvito n'uma das suas digressões pelo Alemtejo e um anno antes de morrer.

Os marquezes de Alvito, alem de outras mercês com que tem sido favorecidos pelos monarchas portuguezes, em recompensa de altos serviços á patria, e em desempenho de cargos de summa consideração publica, gosaram do privilegio de *senhor de terras*, e ainda conservam o titulo seus bisavô e avô, junto de el-rei D. José I e de el-rei D. João VI.

A villa de Alvito é bem povoada. Pertence ao districto de Beja, tem correio diario, estação de caminho de ferro, e aproximadamente 2:000 habitantes.»

DESCARGO DE CONSCIENCIA

Caso grave decerto. Mas quantos d'aquelle jaez não ouviria o velho frade carrancudo, talvez mais pensando nas sopas áquella hora, do que no horrivel peccado, que tanto perturba a consciencia do homem rude ?

Uma historia d'amor ?... Provavelmente.

Era pela Paschoa, era primavera. Aquelle homem de ceifões de pelle de carneiro deve ser pastor. A charneca estáva toda ella em flôr, os passaros vôavam em volta dos ninhos, os rauxinoes cantavam toda a noite, ao luar. Tempo d'amores! Tempo d'amores! Ai, quantos peccados se commettem por amor!

Não foi aquelle penitente com certeza, o que roubou a caixa de rapé ao frade confessor que o estava ouvindo...

Sabem a historia.

Depois deu-lhe o escrupulo e confessou que tinha roubado uma caixa de rapé.

— Deves entregal-a ao dono, disse-lhe o confessor.

— Se a quer, dou-a a V. S.ª

— Eu não.

— Pois eu já a offereci ao dono e elle disse que a não queria.

— Pois então guarda-a, meu filho.

UMA GELOSIA, OU JANELLA ANTIGA DE RÓTULA

(Villa-Real de Traz-os-Montes)

No n.º de 20 out. d'esta publicação, expuzemos o desenho da janella grande d'um solar portuguez do sec. XVI, singular pela sua forma decorativa. Trata-se alli, todavia, sómente da janella propriamente dita; isto é, do rasgão aberto na parede, sua architectura e ornato, e de nada mais. O vão d'essa janella, é vedado actualmente por uns taipaes cerrados, muito tôscos, e alheios ao destino da janella.

As gelosias, para o effeito da entrada graduada da luz e do ar, eram fechadas, nos tempos passados, antes da importação do vidro e portanto do uso da vidraça, por rótulas, como é sabido. Nas nossas provincias e ilhas, conservou-se até muito áquem, e conserva se ainda hoje nas casas de gente remediada, embora raro, a rótula, e até a adufa, d'origem arabe. Temos observado d'isso, nos povoados mais sequestrados ao convivio estranho.

Ora, é uma antiga janella de varanda, guarnecida de rótulas do mais puro estylo, encaixilhadas n'uma moldura singela e muito airosa, janella toda perfeitamente proporcionada entre si, d'uma encantadora graça artistica e de velho cunho nacional, qne hoje offerecemos aqui aos apreciadores d'estas velharias. Tambem é em Villa Real, que ella se vê, e devo ainda aos meus dois amigos Martins e Diogo, já citados, o obsequio da photographia e do desenho á penna.

Tenho a notar, que o original, pela rasão da sua antiguidade, está muito escalavrado, e algumas das seis rótulas, foram já, pelos pobres habitadores da casa, substituidas por taboas; o meu amigo Diogo, porém, a meu pedido, *restabeleceu* á penna as grades em xadrez, onde tinham existido, satisfazendo assim ao meu intento: dar um exemplar completo da janella rotulada dos tempos pacatos e recolhidos dos nossos avós, ou an-

DESCARGO DE CONSCIENCIA

tes, das nossas avós, pois que eram ellas as *enclausuradas*.

Vai n'este intento alguma coisa mais do que uma frivola curiosidade rebuscada na nossa vida historica: dar uma indicação áquelle que, animado de sentimento artistico que afine pelo do sr. Conde do Arnoso, — o edificador da casa de Cascaes no antigo estillo nacional, — queira seguir-lhe a louvavel ideia

Henrique das Neves.

REBELLIÕES DE FREIRAS

Das chronicas escandalosas do reinado de D. João V, constam duas rebelliões de freiras tão curiosas, que não podemos furtar-nos ao desejo de as narrar, segundo documento da epoca.

A primeira teve logar no domingo, 30 de julho de 1713 e resultou do seguinte facto.

N'esse dia o provincial da Ordem de Santo Agostinho foi ao convento das freiras de Santa Monica, da mesma Ordem, mandando lêr por um seu subordinado uma excommunhão no sentido de ser prohibida a chegada á grade de qualquer freira, quando fosse procurada por pessoa á qual não estivesse ligada por laços de parentesco, e isto com graves penas conventuaes.

Mal foi concluida a leitura, levantou-se no convento tal motim, que freiras, creadas e conversas se dirigiram para o locutorio, e em altos gritos dirigiram os maiores improperios ao provincial, exigindo que se lhes levantasse a excommunhão, do contrario sahiriam pela porta fóra, lançando fogo ao convento.

Como não fossem attendidas nas suas exigencias, na noite da segunda feira seguinte sahiram todas as religiosas, de cruz alçada pela portaria, «garbosas na postura e donairosas nos véos dos rostos (simbolo da sua honestidade, oraculo da sua clausura)». — diz o manuscripto onde encontramos a narração do facto.

Andaram as freiras uns duzentos passos na rua, o que chegado aos ouvidos do rei, expediu este, logo, a toda a pressa, o seu secretario de estado Domingos de Mendonça Côrte Real, com o corregedor do crime, da côrte e casa, Belchior da Cunha Brocado, os quaes chegados ao local, deram ás religiosas, por ordem de el-rei, recado para que se recolhessem ao convento.

Não obedeceram as amotinadas a esta intimação, começando pelo contrario a proferir gracejos e a adduzir razões, dizendo que não se recolheriam sem que fosse levantada a excommunhão.

Foi chamado o provincial, o qual compelido a satisfazer os desejos das religiosas, quiz, de um modo confuso e quasi condicional, levantar a excommunhão, mas a isso replicaram as madres mais discretas, que a excommunhão havia de ser levantada de modo que ficassem as coisas como estavam.

O provincial, atrapalhado com esta nova réplica, tentou porfiar no sentido do que havia dito, o que mais irritou o cardume feminino, que em altas vozes teimou em que havia de ser o que tinha dito, aliás lançaria fogo ao convento.

Accudiu o corregedor, procurando dissuadir as amotinadas, dizendo que vissem o que faziam, pois era ordem de S. M. e que se aquietassem e emendassem da soltura com que tinham rompido a clausura.

As freiras, quer novas, quer velhas, continuaram porém a entrar e a sahir a portaria, clamando que não era necessario guardal-as, porque se o quizessem, ellas o fariam, insistindo ao mesmo tempo que deitariam fogo ao convento.

A isto retorquiram os da justiça, que se tal fizessem, podia queimar-se o Santissimo Sacramento, ao que ellas responderam que tal não succederia porque Elle se livraria!

Em vista d'isto o secretario de Estado voltou ao paço e deu conta de tudo ao monarcha, o qual ordenou logo por um decreto, ao provincial, fosse levantada a excommunhão e ficasse tudo como d'antes.

Assim se fez e as religiosas se recolheram então, sem mais alteração da ordem.

De tudo isto resultou o rei encarregar varios ministros de darem busca nos conventos afim de se descobrirem n'elles os denominados freiraticos, diligencia que reudeu em serem presas e degradadas n'aquelle anno de 1713, mais de 60 pessoas, entre religiosas e seculares, ordenando outras medidas tendentes a terminar com a vida escandalosa que se praticava por aquella epoca nos conventos, especialmente nos de freiras.

Um mez depois d'este alvoroto, no sabbado 29 de agosto, um commissario do Santo Officio acompanhado de outras pessoas, dirigiu-se ao convento de Odivellas afim de fazer entrar alli D. Ventura Izabel Dique, filha de João Dique, senhor de engenho no Rio de Janeiro, em cumprimento de ter sahido no auto de fé que se celebrou no Rocio de Lisboa em 9 de julho d'esse anno.

Chegado o commissario ao pateo do convento, encontrou tudo fechado, de fórma que se viu obrigado a bater á portaria repetidas vezes até que chegando a porteira lhe disse o que alli o levava.

Accudiram então em tropel as religiosas, dizendo que aquella mulher não era sua irmã, insultando-a desabridamente e chamando-lhe judia, e terminando por declarar que a não receberiam.

Como porém o commissario insistisse, as freiras fizeram-lhe uma assuada, tangendo nos almofarizes e nos tachos do doce, produzindo um charivari ensurdecedor.

De novo o commissario tentou persuadil-as com palavras, afim de aceitarem a freira, na forma da sentença do Santo Officio, ao que ellas responderam com nova assuada.

N'estes termos pediu o commissario que lhe chamassem a prioreza, o que as freiras fizeram, e indo para a grade, declarou o motivo que alli o conduzira. A prioreza respondeu que não se cançasse, porque não acceitaria aquella mulher no convento, pois já não era sua religiosa, ao que accudiu todo o convento com gritos e alaridos, clamando que aquella mulher não era sua freira, que era uma cadella, uma perra judia.

N'esta algazarra tornaram-se sobretudo salientes duas irmãs da referida D. Ventura Izabel, que teimavam tambem em dizer que não a acceitavam, pois que quando viram preso seu pae João Dique, a avisaram de que se tinha alguma cousa de que se accusar o declarasse á prioreza para que se chamasse um commissario do Santo Officio e não affrontasse nem desauthorisasse o seu convento.

Com tanta resolução fallaram as duas irmãs da desgraçada D. Ventura, ajudadas por outras freiras, que o commissario querendo fazer valer a sua authoridade, disse com intimativa que a ordem que levava para acceitarem aquella senhora dimanava de el-rei, mas as religiosas responderam:

— Pois diga Vossamercê a sua magestade que a mande ir para o paço e a faça sua dama, porque quanto a nós a não queremos.

A' vista de similhante relutancia, decidiu o commissario ir depositar D. Ventura com as mulheres que a acompanhavam, em uma quinta, até nova ordem, o que fez, sendo certo que ainda em fins de setembro a freira não havia sido acceita no convento.

Ainda por causa d'este facto, no dia 4 de outubro, sahiram as freiras de Odivellas com cruz alçada, chegando até ao Campo Grande, onde se recolheram na quinta do Conde do Rio, a meia legua de disrancia do convento. As freiras que tomaram parte n'este novo motim excediam o numero de 200.

Tendo o rei conhecimento do succedido, mandou alguns ministros e o duque de Cadaval com uma esquadra de cavalleiros afim de atalhar o passo ás freiras, mas como estas teimassem em proseguir no seu caminho, metteram-as em casas, no dizer do narrador, pouco limpas e fecharam-as, do que dando-se parte a S. M., este mandou no dia seguinte diversos coches nos quaes as introduziram quasi á força, isto depois de terem passado a noute em galanterias com o duque de Cadaval e de haverem dormido como que em verdadeiras estrebarias.

O caso, como é de crêr, produziu grande escandalo em toda a côrte.

Porto.

Manuel M. Rodrigues.

A EDUCAÇÃO NA EDADE MEDIA

Lastima-se, a todo o instante, a juventude, e queixam-se, não menos amargamente, os paes de familia, — uns e outros, até certo ponto, com justo fundamento — da extensão excessiva que apresentam os diversos cursos de habilitação e da exhuberancia das disciplinas que constituem os mesmos cursos, disciplinas que consomem ao estudante os melhores annos da vida, e as quaes, — na maxima parte dos casos, assimiladas á custa de tanto tempo e com tamanho esforço, a memoria não conserva, pois antes pelo contrario, os rapazes, pouco depois de haverem abandonado os bancos das aulas, de quasi nada se recordam já, nem tão pouco encontrarão ensejo de recordar-se, no decurso da futura carreira, por lhes não virem, em geral a descobrir applicação pratica.

Quantas e quantas vezes, lendo ás escondidas e encobertos com a tampa das carteiras o romance que vae correndo de mão em mão, emprestado por algum collega officioso, não occorrerá ao collegial o comparar com inveja e saudade a subjeição tyrannica a que o obrigam as materias tão complexas que constituem o extenso programma da sua educação, com a supposta liberdade e a independencia que a mocidade disfructava durante os formosos tempos da Edade-Média; aureos tempos em que adolescente nenhum era submettido a semelhantes torturas, e em que a instrucção, entregue quasi que por completo ás corporações religiosas, tinha por limite exclusivo as grossas paredes da cella monastica.

Mal sabem, porém, esses que, dominados pelo terror do proximo exame, volvem com saudade os olhos para o viver de tão brilhantes épocas, que, durante o periodo mediéval, o donzel, o infanção antes de entrar na vida activa, tinha de passar por um longo e assaz penôso tirocinio e lhe impunham provas, em presença das quaes, em nossos dias, qualquer dos mais queixosos, com respeito a exigencias pedagogicas, recuaria sem duvida alguma assustado.

E' certo que a educação aristocratica n'essas eras obedecia a uma orientação assaz diversa; os exercicios, os estudos tinham como fim quasi exclusivo adéstrar a mocidade na arte de pelejar; a carreira das armas era a unica em que os mancêbos conseguiam grangear, não sómente honra e fama, como tambem riquêza e poder; não era, porém, carreira que qualquer podesse levar de vencida, nem, para que digamos, com uma perna ás costas: — primeiro que lograsse ser considerado um perfeito cavalleiro, tinha qualquer donzel muito e muito que aprender.

A educação methodica, regular constituia, durante o médioevo, privilegio exclusivo do mancêbo de nobre estirpe; o vilão, burguêz ou pópular aprendia o seu officio, transmittido, as mais das vezes, do pae ao filho, e julgava estar completa a sua educação, logo que attingia sufficiente proficiencia no respectivo mester, no qual, aliás, vinha quasi sempre a ser mestre, e não raro, artista eximio. O aldeão, o camponez, esse, como é de suppôr, não recebia educação de especie alguma, aprendia apenas, praticamente, e á custa do proprio esforço, os rudes trabalhos do campo.

Abstrahindo, porém, da instrucção monastica, lancêmos um golpe de vista retrospectivo sobre a educação dos mancêbos da classe nobre e observêmos as diversas phases por que passavam estes até conquistarem as espóras de cavalleiro, pois só d'este modo lhes era dado attingir a posição que na gerarchia social lhes competia.

Sigamos pois o futuro cavalleiro desde os annos da mais tenra infancia. Manifestava-se immediatamente, junto ao berço do recem-nascido, a paternal sollicitude com respeito á sua futura proficiencia na arte da cavalaria. Mêzes antes de ter nascido a creança, era consultado qualquer sabichão, o padre-capellão do castello, algum monge do mosteiro mais proximo, o judeu adivinho ou a *mulher de virtude*, aos quaes éra incumbida a missão de interpretar os sonhos apparentemente mais significativos que porventura tivessem vindo assaltar a mãe durante o ultimo periodo da gravidez.

Vinha o índez a este mundo e, se acertava a ser um rapaz, as pessoas ali presentes memoravam, cuidadosamente, quaesquer phenomenos naturaes dignos de attenção que coincidissem com a hora do nascimento, e desde logo éra chamado a toda a pressa o astrologo mais proximo — sábia entidade que, em muitos casos, residia de prevenção no mesmo castello, onde accumulava tambem as funcções de physico, isto é, de medico e boticario. Procedia este immediatamente a formular o horóscopo do recem-nascido, consultando os astros, comparando o resultado de suas observações com a interpretação dos sonhos da mãe e com as condições atmosphericas que coincidiam com o momento em que viéra ao mundo o menino.

O sábio, por via de régra, vaticinava ao pimpôlho lusídas prendas de cavaleiro, mil proêzas e façanhas arrojadas, inumeros combates com exito felicissimo, aventuras extraordinarias: ao mesmo tempo, previnia os paes dos perigos e influencias funestas que haveria a evitar ao menino; recommendava que o acautelassem de certas e determinadas pessôas, do contacto ou da proximidade de certos animaes, que exercessem sobre elle especial vigilancia em taes ou taes dias ou mezes do anno, em que a conjuncção dos astros se lhe mostrava desfavoravel.

Levado á pia do baptismo, recebia o menino o

nome do santo de mais devoção da mãe ou do pae, e ainda o de qualquer cavaleiro de nomeáda, que lhe servia de padrinho: emquanto ao appellido ou appellidos, eram, já se vê, os da familia; e quando, por ventura, já no momento em que vinha a este mundo, já no acto de receber as aguas do baptismo, predominava no firmamento o planêta Marte, como á nascença succedeu a varios cavaleiros de nomeada — por exemplo: ao celebre Bertrand du Guesclin, a alegria e a esperança reinavam por todo o nobre solar.

Até completar os sete annos, o menino vivia nos maternos aposentos, exclusivamente confiado ao carinho e aos desvelos da mãe e das aias numerosas; a instrucção que durante esse periodo recebia, éra nulla; não sahia, por assim dizer, da camara de sua mãe, apenas, de quando em quando, era levado por esta ou pela açafata á presença do pae, que lhe deitava a benção, verificando se estava são e escorreito, e se a respectiva constituição physica promettia ou não um cavaleiro com robustez sufficiente para supportar o pêso do elmo, do complexo arnez e do broquél de peleja; capaz de soppesar e enristar a ponderosa lança de torneio, de brandir o montante ou a espada *d'ambal-as mãos*, a borda de púas, a ácha, ou o chicóte d'armas.

O pequeno brincava, ora nos aposentos da mãe ou das aias, e sob a vigilancia d'estas ultimas, ora na quadra ou terreiro interior do castello, nas plataformas e eirados do mesmo, ao abrigo das ameias, e a mãe ensinavá-lhe, quando muito, a rezar, a encommendar-se a Deus e ao santo da sua devoção, a benzer-se de manhã e á noite; — os seus brinquedos todos, porém, estavam em maior ou menor relação com o seu futuro viver de cavaleiro. As aias narravam-lhe lendas de cavalaria, contos maravilhosos, em que figuravam feiticeiros, gigantes, dragões, princezas encantadas, e o menino, arvorando em espada, lança ou maça de armas qualquer utensilio domestico que a isso se prestasse e que encontrava a geito, travava imaginarios combates com os monstros e os entes fantasticos que povoavam a sua juvenil e ardente imaginação.

Cumpridos os sete annos, cessavam para o menino as doçuras do periodo infantil; os progressos da sua educação exigiam que abandonasse o lar paterno e que, na qualidade de pagem, fosse servir, já para o castello ou para o solar de um parente de elevada jerarchia e com boas prendas de cavaleiro, já para a alcaçova de um principe, em cuja obediencia aprendia a ser homem e se ia adéstrando para a lucta pela existencia, pois que, n'aquellas eras, consideravam como principio fundamental de educação que ninguem podia ou devia mandar, sem ter primeiro aprendido a obedecer; não comprehendiam a possibilidade de chegar a ser bom cavalleiro todo aquelle que não tivesse sido bom escudeiro.

(Continúa) *Pin-Sél.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO I

> Em Paris, a mulher apaixonada entra no caminho da razão; em Veneza, no da loucura.
>
> STENDAL

> A linda Veneziana amava-me com violencia, batia-me por amor, tão altiva e auctoritaria, que, era meu amo, até quando deitada a meus pés!
>
> LORD BYRON.

I

O PETIT MOULIN ROUGE

Já alguma vez se atreveram a entrar n'essa taberna original a que chamam o *Petit Moulin Rouge*? Conhecia-a muito de nome. Alguns dos que costumavam vir tomar chá a minha casa, era um nunca acabar de historias do *Petit Moulin Rouge*. Até que um dia quiz saber que tal se jantava por lá e sobretudo atrever-me a espreitar da janella... mas só por dentro das vidraças.

Fui até lá com a Condessa *** que tinha mais animo do que eu para aventuras d'essas. Entrámos pela porta dos envergonhados e fomos recebidos na sala do piano por alguns amigos nossos, que nos esperavam á mesa, algum tanto luxuosa pela escolha de fructas temporãs.

O *Petit Moulin Rouge*, pela decoração interna e mobilia, lembra todos os cafés celebres, desde o *Café Anglais* até ao *Père Lathuille*; não é nem melhor, nem peor. Quem jantasse ali sósinho morria de tristeza; mas, como cada qual traz comsigo a sua alegria, janta-se muito alegremente.

E tanto mais alegremente se janta, quanto toda a alegria dos visinhos se esparge sobre nós, tal qual como nos banhos de mar os banhistas recebem a chuva dos salpicos.

Dizem que do jardim, onde não me atrevi a pôr pé, é divertidissimo ver a faxada do *Petit Moulin Rouge*. Parece um theatro com quatro vistas sobrepostas e onde em todos os andares se representa. Vão uns representar, outros só para vêr. Fala-se d'uns andares para os outros e atira-se com quanto vem á mão, rabanetes, morangos, ginjas, cartinhas de amor, e até, dizem, com notas do banco, desde que ha notas de cem soldos.

As mulheres estão mais á janella do que á meza, porque n'esta já nada teem a lucrar, emquanto que n'aquella podem esboçar qualquer aventura com os extranhos, que estão no jardim de nariz para o ar, a vêr o que lhes cae do céo, isto é, se lá dos altos lhes cae qualquer mulher.

Mas ha mais e melhor. Além d'isto, ouve-se d'ali, ás oito horas, o concerto dos Campos Elisios, as floristas inundam a gente com seus ramos e os cães amestrados vêem para as portas dar cambalhotas.

Avistei no jardim muitos jornalistas, litteratos, ministros sem pasta e reporters a todo o transe. Parece-me que se dá por ali mais gasto ao talento que na Academia das Sciencias moraes e politicas.

Dentro em cem annos, não faltará um membro da Academia das Inscripções e Bellas-Letras, que escreva sobre as ruinas d'esta casa tão excellentemente frequentada, tentando explicar a velha designação da taberna. Porque lhe chamam do *Moulin Rouge*? Ninguem o sabe, e tão só que ha por cima da porta um pequeno moinho vermelho, parecendo um brinquedo de criança. Os velhos empregados de casa dão-lhe uma antiga origem desde madame Tallien.

Pelos tempos do Directorio, a linda thermidoriana morava para aquelles lados, em frente d'uma casa de pasto já com essa taboleta — *Moulin Rouge*. Para não serem treze á meza, o ultimo que chegava ia jantar ao *Moulin Rouge*. Era lá o jantar tão bom e tão detestavel o de madame Tallien — não me venham com mulheres politicas — que eram todos a querer ser o numero treze. D'ahi a grande fama do *Petit Moulin Rouge*.

Dou-o pelo preço por que m'o venderam e sem a menor pretenção a fazer parte da Academia de Inscripções e Bellas-Letras

Mais d'uma vez voltei ao *Petit Moulin Rouge* mais ou menos á socapa, curiosa como Eva, mas sem querer que me ponham fóra do paraizo, máo grado o que n'elle me aborreço.

II

CRIMINALISTAS E CHAMPAGNE

Ora, por uma tarde de julho, haviamos alegremente — quero dizer ruidosamente — jantado no *Petit Moulin Rouge*. A condessa *** e sua irmã tinham querido entrar, não menos ruidosamente, no circo, pelas alturas do ultimo acto — o dos leões ou o dos cães, já não sei — e tinham-nos obsequiado, deixando-nos sós, nós os philosophos.

Eramos quatro amigos: eu, que desejo conservar o meu anonymo — Paulo Hauteroche, um apaixonado, como outro não ha — Henrique de l'Écluse, um jogador conhecido pela alcunha do *Baccarat* — e Mario Suluzi, um rapaz italiano com o cognome de *Steeple Chase*, pelo gosto que tinha pelas corridas de obstaculos — não me refiro a certas senhoras. Emfim duas personagens mudas, uma d'ellas mademoiselle ***, cantora com muita opinião em seu espirito e coração, porque nem um tinha nem outro.

Os homens teriam bebido cada um d'elles não mais que uma garrafa de champagne, d'esse vinho palrador que traz todo pensamento aos labios e põe o coração nas mãos. Já haviamos fallado de tudo e de todos. Tinham vindo á balha todas as famosas historias de amor. Haviamos corajosamente patenteado as nossas chagas, e todos se confessavam vencidos no campo de batalha da paixão, onde cada qual marcha para a morte com uma ironia nos labios, quando, a proposito d'um processo celebre, Paulo de Hauteroche tomou a palavra.

— Fallam como jurisconsultos, disse; mas, sem que me gabe de criminalista profundo, facil me será provar-lhes que póde alguem matar, tola, cobarde e impunemente, sem pôr-se de mal com o sr. procurador geral, sem morrer nas galés ou no cadafalso, sem sequer perder a estima dos seus mais intimos amigos.

— É demais o que promettes, observou Henrique de l'Écluse.

— Quizessem escutar-me e mais haveria ainda de cumprir, continuou Paulo de Hauteroche; poderia dizer-lhes tambem como podemos ter na mão a ventura e deixal-a fugir sem saber como.

— Fale! dissemos todos a um tempo.

— Pois bem, eu, vosso amigo matei uma mulher. Depois de haver conquistado a mais viva ventura, a mais dôce, perdi-a no mesmo dia em que me convenci de que era feliz! — Eis em duas palavras a minha historia. — Ella vos provará que, sendo o homem um animal tolo e máo, não ha leis humanas que attinjam todos os assassinos, pois aqui estou eu, conversando, quando deveria pelo menos andar cavando o solo em Numéa.

— Conte, disse eu a Hauteroche.

Cahira em silencio. Todos lhe pedimos a historia.

— Fallar de nós é vivermos duas vezes, é viver e reviver. Vou abrir lhes a minha alma.

E sem mais se fazer rogado, Paulo de Hauteroche começou.

III

PORQUE É QUE PAULO DE HAUTEROCHE FOI A VENEZA

Receio, meus amigos parecer-lhes bem fóra de moda. Imaginem que lhes vou falar de Veneza — *Venezia la bella!* Descancem, não é da Veneza dos Doges; nada teremos com o Concelho dos Dez. Vou-lhes descrever uma linda veneziana, neta dos Foscari, por linhas rectas ou tortas.

Aborrecia-me Paris com tanta mulher caiada de branco, pintada com azul de pastel. Pasteis antes os da Rosalba; pintura por pintura, quanto mais não valiam as cortezãs de Giorgione ou do Ticiano! Já pelos quadros conhecia as venezianas e o loiro de Veneza. Quiz ver uma verdadeira mulher doirada. Digno ideal d'ocioso! Parti para Veneza. Deveriamos ser dois, mas o meu companheiro de viagem deixou-se ficar enlaçado n'uns celebres cabellos ruivos, que não eram de Veneza.

Sentia-me feliz retemperando-me nas brisas vivificantes, que veem desde as ilhas do archipelago jonico expirar nas praias do Lido. Era tambem como um adeus á vida que levava, preguiçosa e inerte. Tinha jurado a minha mãe, quando da sua partida para Londres, onde tornou a casar, que faria qualquer coisa, fosse o que fosse, embora me houvesse de resignar a ser conselheiro de prefeitura na Creuse ou nos Alpes. Em Veneza é que havia de despir os maus costumes máos.

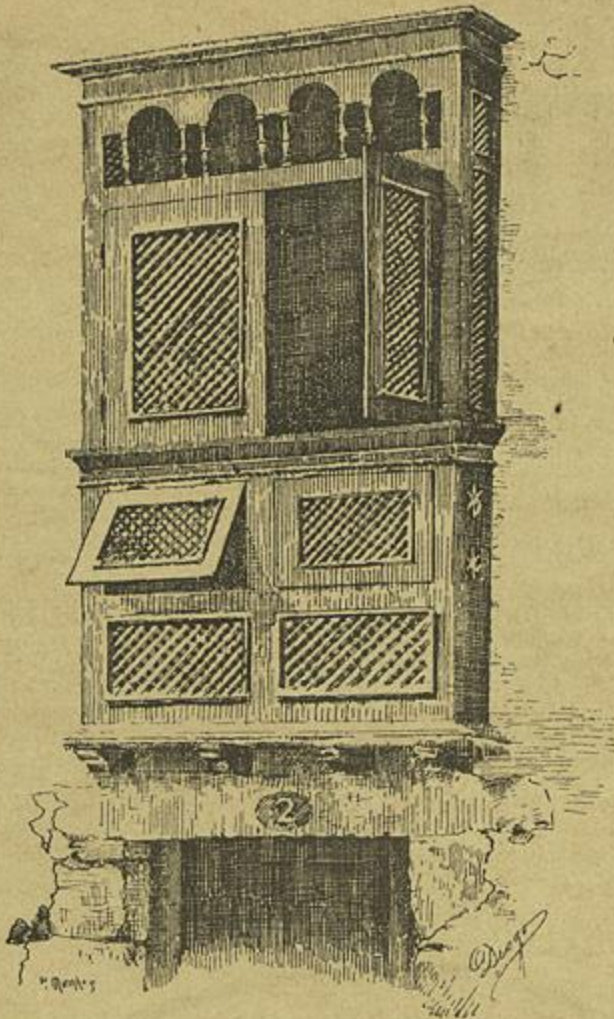
Confesso-o com toda a ingenuidade: os primeiros oito dias que passei em Veneza foram um encanto! — Tudo eram correrias a ver quadros, extasis poeticos, sonhos palingenesicos! Surgia das profundas do passado, á minha voz, a velha cidade dos doges, *Venezia la bella*, a rainha dos mares, a rival de Genova, a altiva judia, e contava-me, complacente, suas glorias historicas, batalhas navaes, conquistas ultra-mediterraneas, tragedias intimas, instituições tão ajuizadamente aristocraticas, as noites doidas e amorosas, grandes triumphos dos seus artistas.

Eu era como feiticeiro errando pelas ruas d'uma cidade desde seculos adormecida, reanimando as pedras e os homens, para gosar do espectaculo d'um povo sem egual, vivendo, movendo-se n'uma cidade sem par!

Reato a minha historia.

Todas as noites ia até á Praça de S. Marcos, por onde sempre pairam os europeus noctambulos. Aborreceu-me o café Floriano, brilhantemente cosmopolita e transportei os arraiaes dos meus sonhos para o café Nuovo degli Specchi, nos andares inferiores das Procuratie Vecchie, onde podia relancear os olhos pelos jornaes francezes, sem de vista perder nem o espectaculo da Piazza San-Marco, nem o da Piazzetta, nem o que se passava no café Florian, situado quasi em frente sob as Procuratie Nuove.

Uma noite reparei n'uma rapariga que parecia vir dos lados de San-Stefano e depois de haver atravessado a Piazza e a Piazzetta, se dirigia para as bandas do Arsenal, tomando o caes Degli Schiavoni.

— Linda rapariga! pensei, accendendo um cha-

UMA GELOSIA OU JANELLA ANTIGA DE RÓTULA EM VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES

ruto. Deus seja louvado, pois que ainda nos dá mulheres e sol!

E porque o amor é primo-coirmão da vaidade, puz-me logo a pensar na figura que eu faria pelo *boulevard des Capucines*, pelo bosque de Bolonha ou nas corridas, se por lá, de repente, apparecesse com aquella belleza dos mais desconhecida!

No dia seguinte e no outro, á mesma hora, tornei a avistal-a, vindo sempre do mesmo lado e encaminhando-se para o mesmo caes. Ia seu caminho apressada, como namorada que receia chegar tarde aonde a esperam.

Tinha todo o encanto d'uma apparição. Imaginem uns cabellos loiros de Giorgione coroando uma cabeça ante a qual cahiriam de joelhos, adorando-a, Palma, Ticiano, o Veronez e quantos! Mas que serve pintar-lhes tão radiante e pura formosura juvenil? Bem a conheceram, quando já a virginal belleza da rapariga cedêra logar a todo o esplendor da mulher.

Não era entretanto sem senão; que o sol tambem tem manchas. Tinha uns dentes admiraveis, mas, quando ria a bom rir, viam-se-lhe dois fóra do alinhamento: — um encanto mais, um não sei quê selvagem na doçura.

Quanta maravilha! Os olhos em que ora o azul do céo se reflectia, ora o verde do Adriatico! N'uma palavra, era Violante... !

(*Continúa*).

Recebemos e agradecemos:

O Instituto de Agronomia e Veterinaria *na Exposição de Alfaia Agricola da Real Tapada da Ajuda, em 1898 — Imprensa Nacional — 1898.*

Este cathalogo pertence ainda ás publicações do centenario e descreve a contribuição que na exposição de alfaia-agricola teve o Instituto de Agronomia e Veterinaria de Lisboa. Como não podia deixar de ser, e o presente cathalogo brilhantemente o confirma, essa contribuição foi digna do importante estabelecimento de ensino da capital.

Annaes *da Commissão Central Executiva do quarto centenario do Descobrimento do caminho maritimo para a India.— Lisboa — Imprensa Nacional — 1898.*

Temos presente o vol. XI d'estes annaes, em que se inserem grande numero de documentos interessantes para a historia da celebração do centenario indiano, e que constituem a *Correspondencia* e as *actas* da respectiva commissão executiva.

A epopêa das Navegoções portuguezas *por Xavier da Cunha — Lisboa — Imprensa Nacional, 1898.*

Mais uma especie bibliographica veiu enriquecer a já opulenta collecção das contribuições da Sociedade de Geographia, de Lisboa, para a celebração do centenario indiano. Intitula-se a *Epopêa das navegações portuguezas*, inspiradas estrophes do illustre poeta sr. dr. Xavier da Cunha, e acompanhadas da traducção em italiano, hespanhol e francez dos srs. Prospero Peragallo, D. José Lamarque de Novoa e José Benoliel, que distinguiram a bella composição portugueza com tão subida honra.

O sr. dr. Xavier da Cunha dedicou esta edição do seu poemetto á memoria do fallecido medico dr. Sousa Martins.

Bibliotheca da Elite Social, *A questão Zola-Dreyfus — Porto, 1898.*

Esta bibliotheca portuense tem já publicados tres opusculos de Emilio Zola, concernentes á irritante questão Dreyfus, malfadado assumpto que tanto tem agitado a pundunorosa França e uma grande parte da Europa.

São os seguintes esses opusculos:

Eu Accuzo — Carta á França — Carta á Mocidade; tres vibrantes pamphletos cuja leitura facil a *Bibliotheca da Elite Social* proporcionou ao publico n'uma edição extremamente economica.

Revista politica e letteraria, *Roma — Novembro, 1898.*

Esta importante e volumosa revista italiana encontra-se no seu segundo anno de publicação e tem já merecido um superior conceito na republica das lettras, graças á maneira distincta e selecta como é redigida, sempre fiel ao seu programma, sempre com egual interesse e egual vastidão de conhecimentos, ponderação de juizos e apreciações sobre a variada actividade italiana.

São as questões politicas n'ella tão bem tratadas como as litterarias. A economia e a sciencia são explanadas em largos artigos, que fazem honra aos seus auctores; e por final ainda se encontra nas suas paginas um copioso boletim bibliographico, em que se citam os mais recentes trabalhos italianos, francezes, inglezes, allemães e russos, e o summario das revistas nacionaes e estrangeiras que com ella permutam, entre as quaes figura o nosso periodico.

Revista critica *de historia y literatura españolas, portuguesas é hispano-americanas — Anno III Abril y Maio de 1898 — N.os 4 y 5.*

Sahiram com atrazo estes dois numeros reunidos da apreciavel revista, que nos seus tres annos de publicação tantas provas nos tem dado de sympathia e interesse, patenteando as suas columnas a valiosos estudos subscriptos por alguns dos nossos mais notaveis homens de lettras.

Os numeros presentes trazem um importantissimo trabalho de critica intitulado: *Apuntes sobre Viajes y Viajeros por España y Portugal*, devido á penna de Arturo Farinelli, corrigindo a *Bibliographie des Voyages en Espagne et en Portugal* de mr. R. Foulché-Delbosc —(Paris 1896)— alludindo tambem a um artigo de Adolpho Coelho, sobre o assumpto e publicado na mesma revista. É, pois, um estudo interessante para ambos os povos da peninsula.

Responsabilidades na questão de fazenda, *por Hintze Ribeiro — Lisboa — Imprensa Nacional — 1898.*

Acha-se publicado em folheto especial e com o titulo acima o notavel discurso proferido na camara dos dignos pares do reino nas sessões de 31 de maio e 1 de junho de 1898, pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, discurso que tem um altissimo valor e que melhor se póde ponderar analysando-o n'esta forma, pelo que nos congratulamos sinceramente com a sua publicação.

O illustre parlamentar não repudiou apenas as affirmativas feitas pelo ministro da fazenda ácerca das responsabilidades do titular anterior da sua pasta, que fôra, como se sabe, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, mas adduziu dados e documentos que muito elucidam e abonam a sua administração.

A indicação summaria dos factos a que alludiu este discurso não podia deixar de ser longa e por isso nos limitamos a uma vista geral.

Na sessão de 31 de maio, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, tratando do orçamento do Estado para 1898-1899, analysou-o lucidamente, insistindo no calculo das receitas e das despezas. Na sessão de 1 de junho proseguiu á sua analyse da chamada questão de fazenda e restabeleceu a verdade de varios confrontos apresentados á camara pelo ministro da fazenda, demonstrando com dados seguros e claros a justeza das suas affirmativas, o que valeu a S. Ex.a as mais justas referencias e applausos.

Publicado, pois, assim em folheto o presente discurso tornou-se mais accessivel ao estudo e conhecimento do paiz e d'aquelles que se interessam pela administração do Estado.